

Querido Paulo Freire, deixe-me falar com você sobre o *Sapere*, Alimentos e Literatura (SAL) no Recife dos tempos da Covid-19 e de outrora

Dear Paulo Freire, let me talk with you about Sapere, Foods and Literature (SAL) in Recife from the Covid-19 time and once

Querido Paulo Freire, déjame hablarte de Sapere, Alimentos e Literatura (SAL) en Recife de la época del Covid-19 y de antaño

Rozélia Bezerra | rozelia.bezerra4@ufrpe.br

<https://orcid.org/0000-0002-9736-151X>

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, PE, Brasil.

Recebimento do artigo: 16-fevereiro-2021

Aceite: 24-junho-2021



BEZERRA, R. Querido Paulo Freire, deixe-me falar com você sobre o *Sapere*, Alimentos e Literatura (SAL) no Recife dos tempos da Covid-19 e de outrora. **Revista Mangút: Conexões Gastronômicas**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 223-238, jun. 2021.

RESUMO

Este relato de experiência é o resultado de um projeto de pesquisa realizado entre março e junho de 2020, com o objetivo de identificar o *Sapere*, isto é, identificar os saberes que se ligam aos sabores dos alimentos e produtos alimentares, no Recife dos tempos da Covid-19 e de outrora. A coleta de dados se deu em pesquisa literária e através da observação e escuta dos vendedores ambulantes de alimentos, que circularam na fronteira entre os bairros de Casa Forte e Casa Amarela, no primeiro ano da Covid-19. A narrativa se dá através de uma carta destinada ao professor Paulo Freire, segundo a base teórica de António Nóvoa (2015) e Raine Maria Rilke (2011). Observou-se, tanto na literatura, quanto entre os vendedores, a presença e o resíduo de costumes muito antigos.

Palavras-chaves: Gastronomia; Vendedores ambulantes; Pregões; Territorialidade; Patrimônio.

ABSTRACT

This experience report is the result of a research project carried out between March and June 2020, with the objective of identifying *Sapere*, that is, identifying the knowledge that is linked to the flavors of food and food products, in Recife from the times of Covid-19 and of yore. Data collection took place in the literature and through observation and listening to street food vendors, who circulated on the border between the neighborhoods of Casa Forte and Casa Amarela, in the first year of Covid-19. The narrative takes place through a letter addressed to Professor Paulo Freire, according to the theoretical basis of António Nóvoa (2015) and Raine Maria Rilke (2011). It was observed, both in literature and among sellers, the presence and residue of very old costumes.

Keywords: Gastronomy; Street vendors; Proclamation; Territoriality; Cultural heritage.

RESUMEN

Este informe de experiencia es el resultado de un proyecto de investigación realizado entre marzo y junio de 2020, con el objetivo de identificar a *Sapere*, es decir, identificar el conocimiento que se vincula a los sabores de los alimentos y productos alimenticios, en Recife desde la época del Covid. -19 y de antaño. La recolección de datos se realizó en la literatura y a través de la observación y escucha de los vendedores ambulantes de alimentos, que circulaban en la frontera entre los barrios de Casa Forte y Casa Amarela, en el primer año del Covid-19. La narrativa se desarrolla a través de una carta dirigida al profesor Paulo Freire, según las bases teóricas de António Nóvoa (2015) y Raine Maria Rilke (2011). Se observó, tanto en la literatura como entre los vendedores, la presencia y restos de trajes muy antiguos.

Palabras claves: Gastronomía; Vendedores ambulantes; Prégon; Territorialidad; Patrimonio.

Querido professor,

Agora, estamos no ano dois da pandemia de Covid-19 e esta é a segunda vez que te escrevo, em pouco mais de três meses, para conversar sobre a minha leitura literária e de mundo ou, como tu mesmo disseste no livro “A importância de ler” sobre a “leitura da palavramundo” (FREIRE, 2000, p.15). Entretanto, deixa eu te explicar que, apesar de escrever sob o modelo de carta adotado António Nóvoa (2005), que escolheu um destinatário certo para sua missiva, mas em estreito diálogo com vários pensadores. Também, te digo que trouxe o apoio de Raine Maria Rilke (2011) para mostrar que carta é uma forma de correspondência, através da qual, se “expõe suas opiniões sobre...os aspectos verdadeiros da vida”. E, talvez nem precisasse disso porque tu mesmo escreveste “Cartas à Guiné Bissau” (FREIRE, 1978) para relatar tua experiência educativa nesse país africano. E se, na outra missiva que te enviei, eu falava dos entregadores de comida e os aspectos sociais desse tipo de trabalho, agora quero te falar do SAL da vida, do Recife dos tempos da Covid-19 e outrora.

E por que SAL da vida? Porque quero te falar dos Sons, Sabores e Saberes, Alimentos e Literatura, ou seja, o *Sapere* que vi, ouvi e li, durante os meses de março e junho de 2020, enquanto vivia meu exílio do mundo, decretado pela pandemia de Covid-19. Já te disse que, a partir dessa quarentena, as aulas foram suspensas e eu me vi na contingência de ficar em casa, de onde fazia trabalho remoto. Entretanto Paulo, houve pessoas que, bem diferente de mim, se viram na contingência de furar a bolha do isolamento e exercer algum ofício que gerasse renda. Entre elas, estavam aquelas que me tocaram, mais profundamente, porque estão no campo de meus estudos: os vendedores ambulantes de Alimento. Para te falar sobre estes homens, contarei sobre minhas observações, feitas a partir da varanda do apartamento onde moro, cujo prédio é construído no mesmo terreno onde havia a casa em que vivestes até teus dez anos de idade.

Bom, meu caro, em um primeiro momento, eu pensava em registrar, apenas, os Alimentos comercializados por esses vendedores ambulantes e os anúncios de seus pregões. Porém, e à medida que fui dialogando com os meus teóricos, inclusive tu mesmo, percebi que o estudo sobre esses homens (e, mais adiante verás por que falo, especificamente, de homens) exigia falar de coisas como fronteira, territorialidade, comunicação e retórica, cultura e patrimônio (i)material e, para tanto, teria que estudar o ‘residual’. Mas, por que e como descobrir esse ‘residual’, que foi anunciado, em 1978, por Raymond Williams? Para dar as respostas iniciais, busquei em três fontes: a primeira delas foi o grupo de vendedores ambulantes, a segunda foi tu mesmo, Paulo, através de tua “palavramundo” (FREIRE, 2000, p.15), para verificar os sabores de Casa Amarela de teu tempo e a terceira foi a Literatura escrita sobre o Recife de antanho, como fez o pesquisador Abdias Moura (2010) o qual, para estudar as paisagens, costumes e rebeliões recifenses se valeu de obras literárias de variados romancistas. Assim, fui procurar os resíduos culturais dos pregões vistos, ouvidos e relatados no Recife dos tempos de outrora, na literatura escrita por poetas como João Cabral de Mello Neto, Manoel Bandeira e Solano Trindade ou de um romancista, ocasional, como Josué de Castro, de cronistas como Mário Sette e Gilberto Freyre.

Mas, diante de toda essa profusão de assuntos, por onde começar a te falar? Bom, Paulo, vamos começar falando desses entrelugares, isto é, da fronteira entre os bairros de Casa Amarela e Casa Forte, por onde circularam os vendedores ambulantes, com seus pregões, nos tempos da Covid-19. Primeiro vamos pensar o que é uma fronteira. E, para uma resposta, meu querido, me amparei no pesquisador Claude Raffestin e seu trabalho de 1993, intitulado “Por uma Geografia do poder”. Lá na página 167 a definição aparece de maneira direta, “fronteira é

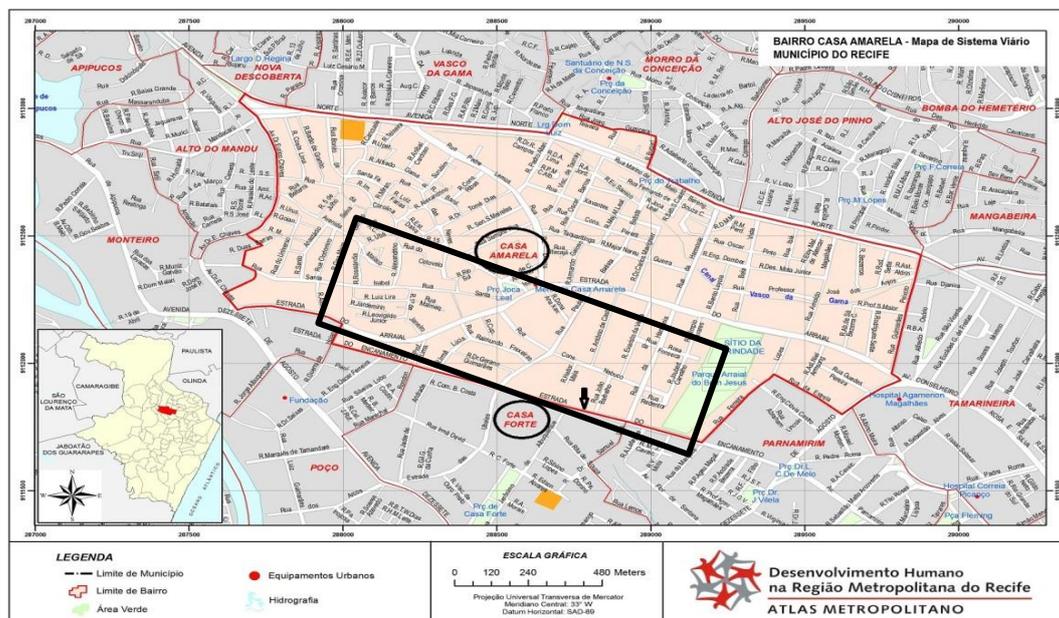
uma linha". E, para que tu possas compreender essa linha que, hoje, demarca a fronteira entre os bairros de Casa Forte e Casa Amarela, nos tempos da Covid-19, resolvi te mostrar em um mapa. E por que resolvi trazer o mapa? Porque, segundo este pesquisador

O mapa é o instrumento ideal para definir, delimitar e demarcar a fronteira...é uma passagem 'clara' inscrita num território. A linha fronteira só é de fato estabelecida quando a demarcação se processa...Com efeito, a linha fronteira adquire diferentes significados segundo as funções das quais foi investida (RAFFESTIN, 1993, p.167).

Olha só, Paulo, se a Estrada do Encanamento, lugar onde nasceste há 100 anos, não, exatamente, essa linha, essa fronteira entre o bairro de Casa Amarela e o bairro de Casa Forte. E, sendo bairros, constituem aquilo que Pierre Mayol (2005) definiu como

[...] o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele a pé saindo de sua casa...Além disso, o bairro é o espaço de uma relação com o outro como ser social, exigindo um tratamento especial (MAYOL, 2005, p. 41; 43. O itálico é do original).

Figura 1. Fronteira entre os bairros de Casa Forte e Casa Amarela.



Fonte: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/casa-amarela?op=NTI4Mg==>.

Data de acesso: 31 de maio de 2021.

Bom, meu querido, depois disso só podemos pensar na territorialidade delimitada por esses ambulantes. Em primeiro lugar pensei sobre a possibilidade de uma aproximação com as Ciências Naturais e com os territórios de circulação animal. O equívoco foi desfeito à medida que eu lia sobre este assunto, porque vi que o conceito de territorialidade foi apropriado pelas Ciências Sociais, do mesmo modo como ocorreu com outros conceitos darwinistas e, então, foi usado como meio de explicar a circulação humana em determinadas áreas. Mas Claude Raffestin (1993, p.161, o destaque é meu) foi além disso, para dizer que:

"A territorialidade se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo de coisas. Territorialidade é, sempre, uma relação, mesmo que diferenciada com ou outros pares".

Meu caro, a partir dessa colocação a gente rompe a configuração, estabelecida de maneira bipolar, entre o ser humano e o ambiente. Isto porque minha observação dos vendedores ambulantes e a oitiva dos seus pregões, durante os primeiros tempos da Covid-19, me levou a pensar nas trocas culturais, simbólicas ou não, na circulação e no consumo de produtos alimentares ou mesmo alimento o que me faz pensar nas relações havidas entre os vendedores ambulantes em suas atividades comerciais realizadas entre a fronteira desses dois bairros diametralmente opostos, como o caso de Casa Forte e Casa Amarela. É só dares uma olhada nessa imagem a seguir¹.

Foto 2. Fronteira entre o bairro de Casa Forte e Casa Amarela. Recife/PE.



Foto de Adelaide Ivánova, gentilmente cedida para ilustrar esta carta.

Paulo, querido, sei que, quando olhares para a imagem, vais te admirar com o tempo de outrora e o de hoje. Uma mirada no primeiro plano mostra a fronteira entre os bairros já citados. Minha residência está localizada nessa cercania. Digo-te que, hoje, Casa Forte é um bairro que se apresenta construído na verticalidade, com seus edifícios, gigantescos e acintosos, como este que tu vês. Eles substituem as Casas Grandes e os Sobrados Coloniais, ao mesmo tempo em que são representações da herança econômica e social da açucarcocracia dos séculos XVI e XVII. Sabemos que essa toponímia, Casa Forte, remete ao engenho de mesmo nome, pertencente à Senhora de Engenho, Anna Paes D'Alto. Seu contraste com o bairro de Casa Amarela, onde nascestes e passastes os 10 primeiros anos de tua vida, é observável a qualquer transeunte que se preste a olhar em redor. Portanto, aquela tua Casa Amarela, ou como tu mesmo descrevestes (FREIRE, 2002, p.14) "aquele bairro do Recife onde nasci e era iluminado por lâmpões que se perfilavam, com certa dignidade, pelas ruas. Lâmpões

¹ A foto em epígrafe é da autoria de Adelaide Ivánova. Fotógrafa e poeta recifense, mora em Berlim há 10 anos e, gentilmente cedeu o direito de uso da imagem. Foi enviada, por mensagem do aplicativo Telegram, em 08 de fevereiro de 2020.

elegantes que, ao cair da noite, se 'davam' à vara mágica de seus acendedores", não existe mais. Na foto, o bairro de Casa Amarela é esse aglomerado de casas, que se escoram umas nas outras, que, na sua vizinhança, dizem ser parede e meia. Respeitando a topografia, elas sobem e descem os morros que, nas grandes chuvas, se desfazem, deslizam e matam pessoas soterradas. Meu caro, por estes dias eu ouvi a seguinte descrição desses dois bairros fronteiriços "Casa Forte é a área nobre e Casa Amarela é a área pobre". Sim e que está fora desse edifício da fotografia enviada por Adelaide Ivánova. Está fora da Casa Grande e dos Sobrados. Talvez, estejam nos Mocambos.

E, para pensarmos nesse contraste, vamos lembrar que tua infância foi vivida nessa fronteira. Em casa, construída no fundo do terreno, antecedida por um jardim das delícias, onde, além de ouvires os sons de diferentes pássaros, podias provar o sabor e apreciar as tonalidades da manga-espada, como vi em teu registro literário

(...) as letras daquele contexto se encarnavam também...Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura (FREIRE, 2000, p.13).

E esta representação te aproxima com o poeta João Cabral de Mello Neto (1980, p.40) no poema "As frutas de Pernambuco", em sua descrição da voluptuosidade dos frutos de Pernambuco

Pernambuco, tão masculino
Que agrediu tudo, de menino,
é capaz das frutas mais fêmeas
E da femeeza mais sedenta.
São ninfomaníacas, quase
No dissolver-se, no entregar-se...

Porém, meu caro, nos primeiros meses de meu exílio do mundo, decretado pela pandemia de Covid-19, eu não tive essa experiência estética com as mangas-espada, só pude ver nas mangas-rosa compradas, para mim, por minha sobrinha que fazia minha feira. Aí, foi a minha vez de acompanhar "a tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos", conforme dissestes. Vi muitos tons de cor-de-rosa, que iam do mais claro até chegar à cor púrpura dos cardeais. Às vezes, houve os pontos negros, conforme podes ver na imagem dois a seguir.

Foto 2. Manga-rosa em sua catarse colorida.



Foto de arquivo pessoal.

Mas e do mesmo jeito que tu, Paulo, pude realizar a “ação de amolegar” (digo amolengar) um fruto. Depois, foi morder a casca para fazer um furo e sentir o sabor de rosas descendo pela garganta. Paulo, esse “dissolver-se” da manga, essas cores, odores e sabores, constituem o *Sapere* apontado por Rubem Alves (2011, p.59). Ele diz que “*Sapere*, em latim, tem o duplo sentido de ‘saber’ e ‘ter sabor’”. Ou seja, saber ao mesmo tempo em que se tem conhecimento sobre alguma coisa. E, ao saber esse sabor, pude conhecer tua emoção de infância nesse Recife de outrora.

E, além desse *Sapere* (ALVES, 2011), descobri outros que estavam fora de minha casa. Sim, eles eram anunciados de uma forma diária, mesmo com a decretação das leis de isolamento ou de quarentena (PERNAMBUCO, 2020). Quando prestei atenção aos sons ao redor, fui olhar da varanda do apartamento e vi algumas figuras humanas transitando pela rua adjacente ao prédio em que moro (se olhares no mapa, verás que marquei a localização, aproximada). E eu apurei, mais ainda, a audição até compreender que estes sons, vinham das ruas que servem de fronteira entre o bairro de Casa Forte e o bairro de Casa Amarela, ou seja, este entrelugar que aparece espreado na foto e no mapa que te mandei. Meu caro, alguém poderá estranhar esse fato, por isto volto a lembrar de que o apartamento, onde moro, fica em um prédio construído no mesmo terreno onde, um dia, foi tua casa. Portanto, ele permite essa visão e audição.

E eu, Paulo, em meu exílio do mundo, ouvi, à larga e à miúde, os Sons, uma polifonia de vozes, assim como ouvi os diferentes instrumentos sonoros, como apitos e sinos, que algumas dessas pessoas usavam, anunciando Alimentos e produtos alimentares. Cada vez que ouvia um desses sons, corria à sacada do apartamento e vi tratar-se de vendedores ambulantes. Eram homens que, no meio da cidade erma e amedrontada com a pandemia, circulavam, como zumbis. Usavam a retórica de seu pregão para estabelecer uma relação de troca e consumo (RAFFESTIN, 1993) e para convencerem as pessoas a comprarem seus produtos alimentares. Em minha admiração e tristeza, eu me perguntava: por que isto acontece se, legalmente, estamos proibidos circular nas ruas? Por que estes homens saíam pelas ruas fazendo pregões? Sim, meu caro professor, eu poderia dizer que a resposta a estas perguntas está na própria fotografia que enviei para você. Afinal e como bem disse o filósofo brasileiro, Pedro Duarte (2020, p.16), ao escrever seu livro sobre a pandemia de Covid-19, “podemos estar navegando no mesmo mar. Não estamos todos no mesmo barco”. E isto tudo que foi dito anteriormente é importante quando a gente avalia o risco relativo de adoecimento por Covid-19, entre os vendedores ambulantes. Sim, porque quando fui analisar os dados epidemiológicos da enfermidade, referentes a Pernambuco, verifiquei que, 2020/21, do total de afetados, isto é, 270.801 pessoas, mais de 135.400 pessoas (51%) das pessoas afetadas são do sexo masculino. E mais, quando o parâmetro observado é a cor da pele, existe uma diferença brutal, entre brancos e não brancos. Do número de atingidos pela forma grave da Covid-19, 70% deles são de cor parda² (CORONAVÍRUS-19, 2020). Paulo compreendes, agora, por que nossa conversa tem relevância científica e social?

Com isto, podemos pensar na disputa de classe, nos João Ninguém da vida, lutando contra os Cavalcanti, contra os Albuquerque ou os Campos, fundadores dessa Capitania, que continua hereditária, chamada Recife. Meu querido professor, quando penso nisso, sinto uma profunda aproximação com o historiador francês Michel de Certeau (2005), ao falar sobre o “Cada um e Ninguém”, quando ele diz que “o homem ordinário ‘embarca’ na apertada nau

² Explicando essa denominação: os dados fornecidos sobre a Covid-19 usam a nomenclatura de pardos.

humana dos insensatos e dos mortais, inversão da Arca de Noé, pois leva à perda e ao extravio". E, nesse caso bem específico que te trago, acredito em perdas de vidas humanas pela exposição à Covid-19. Para aprofundar, mais, esse pensamento, continuo com de Certeau quando, um pouco mais adiante do texto (*op. cit.*, p.61, destaques de minha autoria) ele se apropria da psicanálise freudiana para dizer que "esta multidão" tem "um destino comum em ser ludibriada, frustrada, forçada ao trabalho cansativo, submetida à lei da mentira e ao tormento da morte". Existe uma explicação para a realização desse trabalho forçado: ficaram sem emprego, sem trabalho, sem auxílio do Estado. Outra explicação para presença dos vendedores ambulantes, nas ruas de Casa Amarela, mesmo em tempo de pandemia, pode vir da força do costume ou das práticas do cotidiano, como diz o historiador Edward Paul Thompson (2010). Segundo este teórico, marxista como tu, "os costumes em geral se desenvolvem, são produzidos entre as pessoas comuns, sendo por isto chamados *Vulgares consuetudines*" (THOMPSON, 2010, p.86). Mas, para ser costume, precisa vir de um tempo de outrora, precisa significar algo de "residual", como disse o pensador, também marxista, Raymond Williams (1978, p.124) tem que ser algo "formado no passado, mas que se acha em atividade dentro do processo cultural...como um elemento do passado, mas como um efetivo elemento do presente".

Portanto, meu caro Paulo, minhas perguntas foram elaboradas na seguinte perspectiva: de onde viria esse costume? Qual sua força para superar a lei e atender a uma necessidade? Ora, meu caro, foi o próprio Edward Thompson (*loc.cit.*) quem deu as respostas: "Na interface da lei com a prática...encontramos o costume. O próprio costume é a interface, pois podemos considerá-lo como práxis e igualmente como lei. A sua fonte é a práxis". Desse modo, fica explicado como foi possível perceber que o costume dos vendedores ambulantes e sua necessidade de sair, mesmo com a Lei proibitória, estão ligados a fatores de natureza social, cultural, econômica e histórica. E, como tua família se mudou enquanto tinhas dez anos de idade, não sei se deu tempo de ouvires algum vendedor ambulante, nessas cercanias ou mesmo se já houve interesse, de tua parte, em saber da História do Bairro de Casa Amarela. Na dúvida, achei melhor contar algo, até mesmo para que saibamos o porquê dessa tradição de ambulantes. Segundo Lúcia Gaspar (2020), pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco, em tempos pretéritos, lá pelo século XVII, e quando ainda nem havia pensamentos sobre uma na estrutura urbana de bairro, surgiu, o então, Arraial Velho do Bom Jesus. A Capitania Hereditária de Pernambuco estava sob a dominação holandesa. Para guerrear contra esse outro invasor, Matias de Albuquerque, um general português e um dos líderes da resistência, construiu o Forte Real do Bom Jesus. Em seguida e à volta dele, foi se constituindo um povoado formado pelos soldados do exército português, somado à população de Olinda e do Recife, que abandonara suas residências, quando do início da invasão holandesa. Com este aglomerado, começaram a surgir "vendedores de mantimentos" que acabaram se fixando ao lugar. Opa! Temos aí, a tradição e mesmo o tal "Mito da Origem".

Desse modo, é factível pensar que, além do costume e da necessidade dos ambulantes, meus contemporâneos, existe o "residual" da cultura. Por isto, meu querido, quando faço referência aos vendedores ambulantes de Alimentos, em suas andanças pela fronteira entre Casa Amarela e bairro de Casa Forte, durante os primeiros meses da pandemia de Covid-19, em sua batalha, diuturna, pensei nos "homens ordinários, cujo destino comum consiste em ser ludibriada, frustrada, forçada ao trabalho cansativo, submetida portanto à lei da mentira e ao tormento da morte", conforme o apontamento de Michel de Certeau (2005, p.61). Sim, Paulo, chamo atenção para um detalhe: quando digo homens, não faço referência ao gênero humano, mas ao sexo masculino, porque meu estudo observacional percebeu que esses vendedores eram, hegemonicamente, do sexo masculino e tinham pele escura. Porém, quando quis

entender essa preponderância masculina e sobre a população negra, não achei dados, atualizados, sobre a população desses bairros. Só consegui os do censo de 2010, disponibilizados pela Prefeitura do Recife. Caríssimo professor devo dizer que essa ausência se origina de um ato do presidente Jair Bolsonaro que, após a sanção do Orçamento do ano de 2021 “retirou mais R\$ 17 milhões do Censo, que agora conta com apenas R\$ 50 milhões presidente Bolsonaro que agora conta com apenas R\$ 50 milhões” (ZANFER, 2021). E um desses resultados é este que estou te contando agora.

E, meu querido, chego à análise do *Sapere* dos pregões, anunciados pelos vendedores ambulantes. Porém, antes de continuar, deixa-me explicar porque escolhi essa categoria de análise. Eu a conheci através de Rubem Alves (2011). No capítulo cinco, do livro intitulado “Variações sobre o prazer”, ele fez uma análise sobre os sabores e saberes. A certa altura do texto ele disse que “*Sapere* em latim, temo duplo sentido de ‘saber’ e ‘ter sabor. Essa duplicidade de sentidos está preservada e esquecida do português.” (ALVES, 2011, p.59, itálico do original). Ora! Este excerto, traz, em si, um método de análise e a justificativa da pesquisa: tirar do esquecimento esse vocábulo, para entender sobre essa prática de ambulante e pregões, bem como estudar o patrimônio cultural imaterial, a comunicação realizada pelos vendedores ambulantes, bem como analisar sobre sua retórica da comunicação.

Começando pela retórica, devo te dizer da minha leitura de Michel de Certeau, sobre *As Artes do Fazer*, ela revelou as “Retóricas das práticas e das astúcias milenares” (CERTEAU, 2005, p.103). Vi que essa teoria se aplica, perfeitamente, tanto ao vendedor ambulante, quanto à análise do pregão. Se pensarmos na astúcia, Certeau se refere como sendo a tática dos fracos e, percebeu-se que o vendedor ambulante foi visto como um Ninguém. Neste ponto, a literatura homérica serve de amparo, afinal Ulysses, também estava na posição de Ninguém, ante o Polifemo e esta tática de astúcia salvou, a si, e aos demais companheiros de serem devorados pelo Ciclope. Portanto, Professor Paulo Freire, ouse lhe dizer que os vendedores ambulantes de alimentos, que circularam pela fronteira dos bairros de Casa Forte e Casa Amarela, semelhante a Ulysses, também usaram de astúcia para romperem a bolha do isolamento. Certa vez, professor, ouvi uma frase muito potente e dolorosa “A fome tem cara de herege.” E aqui, meu caro, vale uma reflexão: como acreditar em um ser microscópico, diante do monstro da fome anunciada? A rua chamou essas pessoas à luta. E elas foram deambular para vender Alimentos, para poderem comprar seu próprio alimento.

Por sua vez, Lênia Márcia Mongelli (1999, p.73) acredita que a retórica constitui uma manipulação “da língua relativas a ocasiões e destinadas a seduzir, captar ou inverter a posição linguística do destinatário...São indicadores de consumo ou de jogos de força”. Bom, sabemos que a retórica, arte do bem dizer, na antiguidade era usada “com amplitude suficiente para englobar tanto o discurso quanto o seu emissor, tanto o falante quanto o texto falado”. Portanto, veremos como os vendedores souberam usar essa retórica e manipular o destinatário. Bom isto significa que os pregões são um costume tão antigo assim? Constituem um patrimônio linguístico e cultural tão antigo? Parece que sim, pelo menos é este o postulado de Luís da Câmara Cascudo (1984, p.631). Para ele “Os pregões de rua são vozes ou pequenas melodias com que os vendedores ambulantes anunciam a sua mercadoria. São conhecidos no mundo inteiro e em todos os tempos”. Porém, eu não podia me fiar, apenas, nesses estudos sobre épocas tão remotas. E aí, quis ver outros estudos sobre pregões. Indo para a Literatura, encontrei o poeta Mário de Andrade (1962), fazendo um estudo sobre a musicalidade, no qual inseriu as formas de anúncios nos pregões. Também, li sobre o tema no trabalho feito por José Ramos Tinhorão (2005, n.p), no qual ele fala dessa sonoridade, desse som e saber, mostrando

que os pregões são uma “Criação sonora de profissionais livres – vendedores e compradores dos mais variados objetos, doceiros, baleiros, sorveteiros... etc.” Mas, também, fui surpreendida com o trabalho de Christiane Assano (2004, 2005, p.4), denunciando o descaso da academia no estudo dessa forma de comunicação. Ela apontou “a importância da visibilidade e da escuta dessas práticas ‘quase invisíveis e inaudíveis’ aos olhos e ouvidos do mundo acadêmico”.

Depois, Paulo, saí desses estudos mais generalistas e fui à busca dos pregões no Recife. Achei Gilberto Freyre (1934, 2005, p.53) dizendo que “O Recife foi até há (*sic*) poucos anos cidade de muitos vendedores ambulantes”. E, um pouco mais adiante (p.60-63), na crônica sobre os “Pregões”, Freyre iniciou falando que “O Recife tornou-se (*sic*) célebre Brasil inteiro pelos seus pregões” e registrou alguns deles, os quais eu também ouvi durante a pandemia da Covid-19, dentre os quais, os vendedores de cuscus. Também, vi que outro estudo, clássico, sobre os pregões do Recife, foi realizado por Mário Sette (1948). E, mais recentemente, houve o estudo feito por Helena Campos (2002) sobre os vendedores de Alimentos, seus pregões e suas andanças pelo bairro de São José. Vejamos o que ela disse

Em Recife os gritos personificados, expressões gestuais e movimentos corporais de tantos comerciantes informais marcam a história dos bairros como o de São José...Esta é uma vitalidade ‘sonora’ que permanece, embora pouco reconhecida como importante, por não manter registros materiais, arquitetônicos. A experiência dos antigos “pregões”, ou seja, vendedores de ruas que, a exemplo dos leilões, vendiam seus produtos ‘no grito’. (CAMPOS, 2002, n.p).

E os pregões do Recife do tempo da Covid-19 e da Literatura? Pois bem, meu caro, por vezes, eu ouvi a oferta de produtos de origem vegetal, outra hora de origem animal. E assim, meu querido, mais do que os sons das aves e das sirenes das ambulâncias ou de carro de polícia, que te falei na outra carta, as vozes humanas ou os instrumentos sonoros, que esses homens usavam para (se) comunicarem, me faziam ir à varanda do prédio para ver quem era o vendedor da vez. Oh, Paulo! Se durante meu doutoramento, feito em “Sampa”, eu ouvi o carro da “Pamonha, pamonha, pamonha”, anunciada através de seu alto falante, aqui no Recife do tempo da Covid-19, vieram vendedores de ovos, em um veículo, também, dotado com um alto falante, estridente, anunciando “30 ovos de galinha por oito reais. Ovos direto do produtor. Bandeja de 30 ovos de codorna por três reais. Se aproximem (*sic*) ovos diretamente do produtor. Compre economizando e economize comprando”. Havia um ritmo e quase uma melodia nesse anúncio, nessa comunicação, feita para convencer através do preço supostamente barato, a quem ouvia a mensagem. Nada estava fora de lugar ou da harmonia, a não ser o alto falante que parecia ter estourado.

Porém meu querido, o Alimento de origem animal, *sui generis*, que eu ouvi ser anunciado, veio de um vendedor de caranguejos, passando na rua lateral ao prédio em que residio. O vendedor os transportava amarrados e pendurados em duas fieiras e cada uma estava presa nas duas extremidades de um pedaço de pau equilibrado em seus ombros. De modo muito discreto e, quase baixo, anunciava “Olha o caranguejo”, mas não dizia o preço, nem a quantidade de caranguejo que tinha em cada corda. Não usava nenhum enfeite de fala, talvez, esperando que o fruto do mangue fosse suficiente como retórica do seu pregão. Paulo, através desse anúncio, eu me lembrei da Literatura de Josué de Castro (2003) e seu romance, o único que ele escreveu: Homens e Caranguejos, no qual, em meio a tanta fome e pobreza, ele destaca a centralidade desse alimento para a comunidade, pobre, do bairro de São José, no Recife do tempo de infância de Josué. E esse mundo do caranguejo e do vendedor do caranguejo, configura o que ele chamou de “Ciclo do Caranguejo” (CASTRO, 2003, p.19), porque a carne do

caranguejo se transforma na carne do homem que o come e, depois, suas fezes vão alimentar o mangue e alimentarão esse crustáceo que voltará à mesa.

Meu querido, não satisfeita com essa informação, quis saber mais coisas sobre este tipo de pregão e pregoeiro. E não foi que achei? Está no trabalho escrito por Marize Barros Rocha Aranha (2010, p.175) e ela os classificou no modelo "Tradicional". E por que isso? Porque, além dele se ligar à tradição, este tipo de pregão

"realizava um encaixe identitário colando espaço e tempo *sem grandes pretensões retóricas ou argumentativas*. Gênero – canto de cada lugar - onde exerceu seu destino, na direção do auditório". (ARANHA, 2010, p.175. O itálico é minha autoria).

Minha pergunta é: será que esse pregoeiro atingiu algum auditório? Achou algum comprador?

Ai, Paulo! Outras vezes, ouvia sons de instrumento de sopro. Isto acontecia de segunda a sábado, sempre no fim no fim de tarde. O primeiro som que identifiquei foi o vendedor de cuscuz ao leite de coco. Ele anunciava seu pregão através de um apito, tocando, harmoniosamente, duas notas, em dois assopros, como se dissesse cus-cuz. Vi que era um homem, jovem, equilibrando, em sua cabeça, um tabuleiro de alumínio, além de carregar um suporte pendurado no ombro e, na outra mão, o apito, no qual anunciava o sabor que ele vendia. Sabe quem fala sobre esse fato este "Cuscuz do apito" e dá a receita? Ana Cláudia Frazão (2015) uma pesquisadora de História da Alimentação de Pernambuco. Ela registrou, no seu livro Comedoria Popular: receitas da doçaria de Pernambuco, o modo de fazer essa guloseima.

Porém, o que me deixou mais contente foi ver como tudo isso se atrela com tantas culturas e patrimônios alimentares e com o modo de fazer. Sim, porque Luís da Câmara Cascudo (1983, p.202) revela a intimidade com a mãe-África, uma vez que o leite de coco é "um dos mais populares condimentos do Brasil...com ampla utilização na cozinha afro-baiana... molhando o cuscuz". E o mais lindo foi perceber que tu também trouxeste essa ligação sentimental, esse *Sapere* e essa percepção de condimento. Lembras que eles aparecem em um trecho de uma das tuas "Cartas à Guiné Bissau"? É tão bonito o que tu disseste que trago na íntegra

"[...] Daquele momento em diante, as mais mínimas coisas – velhas conhecidas – começaram a falar a mim, de mim. A cor do céu, o verde-azul do mar, os coqueiros, as mangueiras, os cajueiros, o perfume de suas flores, o cheiro da terra; as bananas, entre elas a minha bem amada banana-maçã; *o peixe ao leite de coco; os e de uma peixada bem pernambucana, levando esse 'condimento'*". (FREIRE, 1978, p.9. O itálico é de minha autoria).

Aí, meu querido, quis saber desses pregões, no Recife do tempo de outrora, usando a Literatura como fonte de pesquisa, a fim de achar aquele "residual" que Raymond Williams (1978) falava. Olha que encontrei um registro do cuscuz feito no poema "Pregões do Recife Antigo", da autoria Solano Trindade (2007, p.155-156). Conhecido como "o poeta negro", Solano escreveu sobre os pensares, falares, escrituragens e revivências dos saberes das classes sociais oprimidas e da leitura de mundo, da tua "palavramundo", Paulo. E como não poderia de ser, a representação do cuscuz estava lá e fazia parte do cardápio matutino do Recife

De manhã bem cedinho
 A preta gingando
 Enche de música
 O bairro de São José
 Lá vem o cuscuzeiro
 Cus!...cus!
 Cus!...cus de milho...

De repente, me vi na urgência de voltar ao estudo de Câmara Cascudo (1983, p.202) para que pudesse te mostrar a importância fulcral, no Brasil. Vê só, Paulo, a força da narrativa do antropólogo potiguar

"[...] humildade do fabrico, era manutenção de famílias pobres e circulando entre consumidores modestos. Julgava-se comida de negros, trazida pelos escravos porque provinha do trabalho obscuro da gente de cor, distribuídos à venda nos tabuleiros, apregoados pelos mestiços filhos e netos das cuscuzeiras anônimas" (CASCUDO, 1983, p.211)

Paulo, quando vi que estes vendedores persistiam, ambulando pelas ruas de Casa Amarela, percebi, mais uma vez, a importância desta nossa troca de conversa, porque ela vai na direção oposta ao estudo do Freyre com ipsilone, sobre os Pregões no Recife, uma vez que já em 1934, ele anunciava que "Já não se ouve o preto velho vendedor de ostra *nem os de...cuscu*" (FREYRE, 1934, 2007, p.60, destaque é meu). E eu ouvi!

Outras vezes, eu escutava um apito sendo tocado em outro ritmo e com muita rapidez. Descobri que era o vendedor de 'quebra-queixo' ou 'doce japonês'. Um doce de corte, acondicionado em um tabuleiro de alumínio. De consistência mais dura, a guloseima é vendida em pequenos pedaços envoltos em um papel-manteiga ou papel pardo. Ao observá-lo, pude entender o efeito sonoro que eu ouvia: o vendedor se locomovia em uma bicicleta, com o tabuleiro equilibrado na parte da frente desse meio de transporte. Não sei se sabes, Paulo, mas doces de tabuleiro foram apontados por Gilberto Freyre (1934, 2007) como um dos costumes mais tradicionais do Brasil e, quase sempre, era uma atividade exercida por mulheres negras. Mas este já é tema para outra conversa, né?

Sim, meu caro, deixa eu te falar do fim de semana, porque havia o som da vez, mas esse não tinha voz. Assim, era que, nos domingos à tarde, e só aos domingos, à tarde, no horário pós-almoço, aparecia o vendedor de picolés e sorvete. Eu escutava que ele se anunciava através de um sino, com um tilintar insistente, agudo e barulhento, para chamar atenção ou como a pedir socorro, não para si mesmo, mas para aquele homem de pele escura, que o sacudia, vigorosamente e que, através desse pregão, esperava vender seus picolés. O som, agudo, fez-me lembrar de seu oposto, o *Cantabona*, ou o sino principal do Mosteiro de São Bento, em São Paulo que, de tão importante, virou nome de receita de bolo da sua cozinha: o bolo Cantabona, vendido na loja do Mosteiro de São Bento, que fica no Largo de São Bento, em São Paulo. O Som desse sino, também ficou registrado no poema "O Trovador", de Mário de Andrade (1922, p.37) "...como um longo som redondo...Cantabona! Cantabona! Dlorom". Assim sendo, esse meu registro é uma forma de saudar esse sino que, nunca chegará a um campanário.

Mas, o que me impressionou, Paulo, foi descobrir um estudo sobre os pregões usados para vender sorvete. É de autoria da pesquisadora Marize Aranha (2010, p.179). Ela o classifica do tipo Tradicional. E sabes por que isto se dá? Pelo simples e poético fato de que, para o vendedor ambulante "Seu mundo era sua ilha e uma coisa carregava seu universo. *Conseguia colocar a imensidão de um lugar numa caixa de sorvete.*"

Porém, como essa autora escreveu a partir da perspectiva de São Luís do Maranhão, eu tinha que buscar a Literatura sobre o Recife, dos tempos pretéritos, para ver se falavam dos pregões do sorvete. Ainda bem que achei informações em Mário Sette (1948, p.299) e no seu livro de crônicas chamado "*Arruar. História Pitoresca do Recife Antigo*", publicado em 1948. Ele trouxe várias reminiscências dos pregões dos sorvetes. Vê só que coisas interessantes: "Anunciavam-se sorvetes com frequência". Às vezes era por meio de um simples convite, mas que sugeria os sabores "Hoje haverá sorvete no Aterro da Boa Vista D.3, mangada, de caju, de abacaxi e de creme". Outras vezes era por meio da poesia, com recitadores contratados para fazer o pregão do dia

Das 10 às 9 freguesas
A sorveteria está pronta:
Um sorvete a dos tostões,
Não há outra cousa mais em conta.
Rapazes do grande tom
Cá da terra e de além-mar,
Se vos quereis refrescar
Com o belo, gostoso e bom
Deixeis a bolsa afrouxar

Outro autor recifense que, também, registrou esse costume dos pregões de sorvete foi Gilberto Freyre (1934, 2007, p.63) "E sorvete, à noite, pelas velhas ruas do bairro de São José – último reduto do Recife mais autenticamente recifense do tempo das aventuras de Frei Jorge, o glutão: "Sorvete! É de coco verde". Podemos pensar que o tempo é enquanto.

E, como não podia faltar, veio o vendedor da "Rainha do Brasil", segundo Luís da Câmara Cascudo (1983, p.103). Falo do vendedor de macaxeira. O grito de seu pregão era arrastado e caprichava "Macaxeeeeeeeeeeeeera". Não havia a pronúncia da vogal "i". Sabe quem nos explica essa sonoridade? Mais uma vez, é o estudioso José Ramos Tinhorão. Vê o que ele nos diz

"Muitas vezes representado apenas pela entoação das sílabas de uma única palavra, de forma sonora, compassada e bem escandida... o pregão revela uma tendência inapelável para transformar-se em música, uma vez que o apregoador, ao ir descobrindo aos poucos as amplas possibilidades da modulação da sua voz, acaba invariavelmente cantando em bom sentido os nomes dos artigos que tem para vender ou que deseja comprar." (TINHORÃO, 2005, p. 59)

Aí, meu caro, saindo das raízes comestíveis, veio o pregão das frutas: "Abacaxiii. Abacaxiii. Dois real (sic)". Quando consultei a Literatura, novamente encontrei Solano Trindade (2007, p.155), registrando os pregões do Recife em que um dos versos do seu poema diz assim

... É doce é doce,
O abacaxi,
é doce é doce
E é barato.

Também ouvi o rapaz que vendia banana. O pregão abria com um anúncio ritmado. "Olha a prata, olha a prata, olha a prata. Olha a banana. A palma é dois". Ao ouvir esse anúncio, de novo revi Manuel Bandeira (1993, p. 133), em um poema de 1925, chamado "Evocação do Recife". Vê se não tenho razão quando falo que as comidas do Recife da Covid-19 são as mesmas do Recife de outrora. Senão, vejamos.

Evocação do Recife

Recife

Não a Veneza Americana

Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais

...

Recife da minha infância

...

Rua da União onde todas as tardes passava a preta da banana com o xale vistoso de pano da Costa

E o vendedor de roletes de cana

O de amendoim

que se chamava midubim e não era torrado era cozido

Me lembro de todos os pregões

Ovos frescos e baratos

Dez ovos por uma pataca

Foi há muito tempo...

Pois bem, Paulo, em um dos dias do isolamento social, precisei sair para comprar meu medicamento de controle da pressão arterial. No caminho, encontrei um vendedor de amendoim que, empurrava um carrinho de mão, enquanto anunciava seu produto, quase cantando, "Midubiiiiim, assado e cozinhaaaado". Era como seu eu estivesse passeando no poema de Manuel Bandeira (1925, 1993, p.135) ou nas crônicas de Gabriel Soares de Souza (1587, 2000, p.145), em suas viagens pelas Capitânicas do Norte do Brasil e registradas no *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, falando do *Sapere* indígena "...crus têm gosto de gravações crus...comem-se assados e cozidos com a casca, como as castanhas, e são muito saborosos."

E, para concluir, o estudo e minha carta, trago o primeiro parágrafo da crônica recifense de Mario Sette, (1948) denominada "Versinhos que Sabem História" para ratificar o uso da Literatura como registro do *Sapere* do Recife e te mostrar, mais uma vez, a importância histórica dessa nossa conversa e deste trabalho. Olha só que interessante o que ele disse

"Os versos populares escrevem também a história de uma cidade. Não somente a história política, mas a social. Recolhê-los, quando não descobri-los, por escondidos em publicações esquecidas, é reconstruir colorida e saborosamente o passado, quer nas linhas mestras, quer nos pormenores, nos seus diz-que-diz, nas suas malícias, num cotidiano característico." (SETE, 1948, p.343).

Paulo, depois disto tudo, viste como os pregões do Recife da Covid-19 são resíduos de costumes antigos? Viste como o SAL da vida, do Recife de hoje, foi construído, amalgamado no tempo do enquanto e constitui um resíduo e uma permanência? Um Patrimônio Cultural (I)material? Espero que eu tenha mostrado isso.

Despeço-me, com meu afeto e respeito, esperando um tempo melhor, principalmente de que haja vacina para todos, todas e todes. Fica com Deus, querido colega. (Sem ironia, tá?).

Desde a fronteira de Casa Forte e Casa Amarela, no Recife, em fevereiro de 2021, ano três da triste era Bolsonaro.

PS: MANDO AS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, PARA QUE SAIBAS QUEM EU LI.

ALVES, R. **Variações sobre o prazer** [Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette]. São Paulo: Planeta do Brasil, 1011, p. 57-68.

ANDRADE, M. de. **Ensaio sobre a música Brasileira**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1962.
_____. **Paulicéia desvairada**. (Poesias Completas). São Paulo: Círculo do Livro, 1922, p.37.

ARANHA, M. B. R. **Do pregoeiro ao camelô: a construção dos gêneros pregão tradicional pregão pós-moderno**. 2010. 219 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

ASSANO, C. **CADERNOS DO COLÓQUIO**, 2004-2005, p.8-17. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/coloquio/article/view/102>. Data de acesso: 14 de julho de 2020.

BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. 35ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.133-136.

CAMPOS, H. A. Comércio na área central do Recife (PE-Brasil): novos e antigos conceitos acerca da história da cidade. *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (57), 2002, n.p. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-57.htm>. Data de acesso: 02 de fevereiro de 2021.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte/MG: Itatiaia, 1984, p. 631.
_____. **História da alimentação no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p.202.

CASTRO, J. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil 2003.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do cotidiano**, v.1. Artes de Fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

CORONAVÍRUS-19. Disponível em https://12ad4c92-89c7-4218-9e11-0ee136fa4b92.filesusr.com/ugd/3293a8_cd57fc19d58242cf8e1a50f2ab900c5c.pdf Data de acesso 08 de fevereiro de 2021.

DUARTE, P. **A pandemia e o exílio do mundo**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

PERNAMBUCO. DECRETO Nº 48.809, DE 14 DE MARÇO DE 2020. Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=6&numero=48809&complemento=0&ano=2020&tipo=&url=> Data de acesso: 24 de junho de 2020.

FRAZÃO, A. C. **Comedoria popular: receitas da doçaria de Pernambuco**. Recife: FUNDARPE, 2015.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné Bissau. Registros de experiência em processo**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **A importância do ato de ler em três atos que se completam**. São Paulo: Cortez: 2000, p.15.

FREYRE, G. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. Porto Alegre: Global, 1934, 2005)

GASPAR, L. **Casa Amarela (bairro, Recife)**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/> . Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

MAYOL, P. Morar. In: CERTEAU, M.; GIARD, L. ; MAYOL, P. (Orgs). **A invenção do Cotidiano**. Morar, cozinhar, v.2. Petrópolis/RJ, 2005, p.37- 109.

MELLO NETO, J. C. de. **A escola das Facas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p.40.

MONGELLI, L. M. **Trivium & Quadrivium. As artes liberais na Idade Média**; Cotia/SP: Íbis, 1999, p.73.

MOURA, A. **O Recife dos romancistas. Paisagens, costumes, rebeliões**. Recife: Facform, 2010.

SETTE, M. **Arruar. História Pitoresca do Recife Antigo**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1948.

SOUSA, G. de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Recife: Massangana, 2000.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum. Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.86-149.

TINHORÃO, J. R. **Os sons que vêm da rua**. 2 Ed. São Paulo: Editora 34, 2005. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=jASF4z4OpogC&oi=fnd&pg=PA7&dq=guia+hist%C3%B3rico+e+sentimental+d+ruas+do+recife+preg%C3%B5es&ots=CIOg8AJVeX&sig=gu_Bie66CiCfecSOF5hX--M8FQ#v=onepage&q&f=false . Data de acesso: 14 de junho de 2020

TRINDADE, S. **Poemas Antológicos**. São Paulo: Nova Alexandria, 2007, p.155-156.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 124-129.

ZANFER, G. Cancelamento do Censo 2021 deixa o Brasil às cegas em meio à pandemia. **Jornal da USP**. Atualidade, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/cancelamento-do-censo-2021-deixa-o-brasil-as-cegas-em-meio-a-pandemia/> . Data de acesso: 31 de maio de 2021.